

Acordei negro

Juremir Machado da Silva

Acordei negro



Editora Sulina



© Juremir Machado da Silva, 2019

Capa: Humberto Nunes

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda

Revisão: Simone Ceré

Editores: Luis Antônio Paim Gomes e Luiz Maurício Azevedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

S586a Silva, Juremir Machado da
 Acordei negro / Juremir Machado da Silva. – Porto Alegre:
 Sulina e Figura de Linguagem, 2019.
 255 p.; 14x21cm.

ISBN: 978-85-205-0858-9

1. Literatura Brasileira - Romance. 2. Romance Brasileiro.
I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-31

CDD: B869.3

Todos os direitos desta edição são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3110.9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Outubro/2019

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

2014-2019

Acordei negro.

Quando me olhei no espelho, vi meus lábios grossos, meu crânio reluzente e minha pele escura. Fiquei, por alguns segundos, perplexo. Esfreguei os olhos com as costas das duas mãos até me sentir meio tonto. Diante de mim estava um homem diferente. Um estranho. Era eu. Consegui me arrastar para o banheiro. Tudo me parecia distante e frio. Examinei os objetos em torno. Eram todos meus. Sim, todos meus. Eu poderia identificá-los pelo tato. Reconheci o barbeador, o pente estilo casco de tartaruga e uma gravura triste com traços de dois cavalos empinados na parede acima do vaso sanitário.

– Quem é esse aí? – cheguei a me perguntar.

Tentei me barbear. Não fui muito longe. Fiquei nu. Fazia frio. Fui para a ducha. Fechei os olhos e deixei a água quente me envolver até formar uma bruma. Por alguns instantes, creio que eliminei qualquer pensamento. Entrei numa eternidade temporária. Só não podia ficar no banho para sempre. Depois de me secar em câmera lenta, voltei a me fixar no rosto sério que via no espelho de sempre. Notei uma leve semelhança com as feições de um negro de um quadro, que me agradava, de Portinari. Sem os seus cabelos espessos e o olhar altivo. Havia um pequeno corte entre o nariz e o lábio superior do homem que me fitava com meus olhos castanhos perdidos. Uma gota de sangue parecia querer ganhar corpo. Alisei meu rosto. Ali estava o ferimento feito pouco antes.

– Não pode ser – exclamo.

Colei um pedaço de papel higiênico no corte para impedir o sangue de escorrer. Imediatamente o papel branco apareceu do outro lado. Uma prova no espelho, uma prova de sangue. Contemplei a gota vermelha como se fosse uma pérola ou um pingo de ouro na superfície de um cristal levemente crispado. Um ponto rubro sobre minha pele subitamente negra. Apoiei-me no mármore da pia e fitei a gota que parecia querer forçar a superfície enrugada do papel higiênico. Meu corpo amoleceu. As minhas pernas fraquejaram, mas não o suficiente para eu cair. A contemplação da gota de sangue, tão pequena, viva e sem consequências, não deixava de me abalar. Ou era o contraste entre o vermelho e o negro na lâmina?

Examinei, quando me recompus, se é que me recompus, minuciosamente a minha pele enegrecida. Alisei o meu queixo como quem procura uma imperfeição numa tela de cristal líquido. Passei, em busca de nitidez e de clarividência, a toalha azul no espelho embaçado pelo vapor do interminável banho quente. A toalha caiu no chão como uma pluma triste sob meu olhar mortiço. Ao me dobrar para recolhê-la, vi meu corpo, minhas pernas, meu sexo. Nada mal para um homem de 51 anos. Um belo negro.

*

Depois de me vestir de modo estranho – uma calça jeans rasgada e um moletom verde com uma indecifrável bola azul no peito –, como se tentasse enfiar, dentro de uma nave espacial, uma roupa apertada, desci para ir à farmácia. Não encontrei qualquer vizinho no elevador. O edifício exalava uma espécie de letargia. Não havia porteiro. Deslizei para a rua como se estivesse em pé, num avião, durante uma leve mas persistente turbulência. Andei alguns passos e me apoiei num carro, uma Cherokee preta com vidros escuros, para me recompor.

– Vaza, vai. Vaza – ouço alguém dizer.

– Como?

– Cai fora.

Sinto as nuvens muito próximas de mim. O céu está chapado como uma placa de trânsito desbotada. Deve ser feriado ou domingo. Não me lembro. A voz soa metálica:

– Vaza.

– Está me confundindo...

– Cai fora.

Na solidão da minha inquietude, aguçada pela estranheza, eu me pergunto o que está acontecendo. Não quero acreditar que alguém se dirige a mim em tom tão impositivo. O dono da voz, enfim, sai de trás dos carros e se posta na minha frente como se eu não contasse.

– Vaza.

É um policial fardado. Tem o nariz aquilino e uma rachadura no lábio inferior. Exibe uma barba suja de dois dias. Percebo que ele me olha de uma maneira especial, diferente, algo que nunca experimentei. É um olhar enviesado, ambíguo, frio, cortante, zombeteiro. Um dos botões marrons da sua camisa está quase solto.

– Quer contribuir com as estatísticas? – ele pergunta.

– Como?

– Esta é a rua da cidade com o maior número disparado de roubos de carro. Vai dizer que não sabia disso?

– Não estou me sentindo bem – resmungo.

– Sei – é a vez dele resmungar.

– Estou mal.

– Vaza.

Eu me afasto quase tateando. Uma luz glauca perfura a camada compacta de nuvens em forma de objetos esquisitos e desce sobre mim como uma ducha. Preciso dobrar a esquina para alcançar

a farmácia. De repente, tudo parece mais amplo, distante e cinza. Agora eu caminho sobre uma nuvem. Meus pés se afundam na calçada e ressurgem secos como folhas enrugadas pelo sol. Entro na farmácia com a sensação de não ser eu mesmo.

– De que precisa, Seu Fernando?

– De que preciso?

– Sim, o que deseja?

A pergunta me desperta. Tento disfarçar. A moça me conhece, sempre me sorri, não parece surpresa, embora me fite mais longamente do que de costume, se me lembro, sim, eu me lembro. Tem os cabelos castanhos, os olhos castanhos, o rosto oval, usa um batom cujo brilho se esmaeceu. Digo o que preciso. Ela localiza tudo rapidamente. Quando estou para sair, ela me interroga novamente com o seu olhar tristemente castanho.

– O senhor está bem?

– Sim, claro.

– Tem certeza?

– Sem dúvida.

Refaço os meus passos. A luz glauca me acompanha como um improvável facho celeste me indicando o caminho. O policial não dá as caras. A Cherokee agiganta-se no seu espaço. Uma senhora e uma menina atravessam bruscamente a rua quando me veem. A manhã agoniza sob um vento úmido que anuncia não sei qual a estação. O rastro fuliginoso de um avião marca um naco de céu junto ao rio. Do outro lado, os morros se erguem feito estátuas salpicando o horizonte com picos e antenas esqueléticas.

Tiro a chave do bolso. Sinto que alguém se aproxima. É o morador de rua, o morador da nossa rua, o ocupante da minha calçada, um tipo que procuro evitar sem saber o que me leva a mantê-lo a distância. Está voltando com suas trouxas de alguma incursão em busca de comida ou de álcool, mais álcool do que

comida. Viro-me para ter certeza de que é ele. Tomo um susto. Está limpo. Traz a barba bem aparada, o cabelo escuro penteado para trás iluminando a sua testa ampla. Veste uma túnica militar e exhibe uma grossa corrente dourada.

- Tomou banho, Tiago?
- O senhor é que não.
- É verdade. Não tive tempo.
- Mesmo assim, ficou mais claro.
- Mais claro?
- Mais o senhor mesmo.
- Não sei do que está falando, cara.
- Vai saber, vai saber, um dia.
- Está procurando alguma coisa, Tiago?
- O mesmo que o senhor?
- É?
- A diferença é que eu sei o que procuro.
- O que procuramos, Tiago?
- Deus.

*

Um cansaço extremo tomou conta de mim. Uma nítida mistura de depressão e de esgotamento físico. Tentei comer coisa alguma – não fui além de uma salada de alface com tomate. Quis folhear o imenso “dossiê” que me esperava sobre a mesa de trabalho havia uma semana, mas não passei da terceira folha salpicada de letras de uma fonte pesada, certamente escolhida por um remetente com dificuldades de visão. De qualquer maneira, já sabia de cor o conteúdo do volumoso pacote impresso e enfiado num envelope pardo com meu endereço escrito à mão, uma letra miúda e deselegante. Dormi a tarde inteira. Foi um sono cheio de sobressaltos, de sonhos curtos e de pesadelos.

Estamos em 14 de novembro de 1844 num acampamento de guerra. Sei a data porque espio um homem branco fazendo anotações no seu diário, um maço de papel grosseiro e áspero. Ele parece não se importar com a minha presença. Pouco antes, o comandante tinha reunido os negros da infantaria para tirar-lhes a munição.

- Devolvam o cartuchame – ordena o general.
- E se nos atacarem? – questiona um negro alto.
- Sei o que estou fazendo.
- E se acontecer uma surpresa?
- Devolvam o cartuchame, estou mandando.
- Inch’Allah! – exclama outro negro.

Tudo é rápido como se a projeção das imagens estivesse em ritmo acelerado. Em poucos segundos, já as tropas inimigas avançam sobre o acampamento dos negros. Não ouço qualquer ruído. Devem ter apertado sem querer o mute, imagino. Os lanceiros saltam nos seus cavalos e enfrentam os imperiais. Os infantas são dizimados pelo fogo adversário. Vejo um negro imenso segurar suas tripas, de um vermelho viscoso, sobre o dorso de um cavalo branco. Sigo com o olhar o trabalho milagroso de outro, que, com sua lança, fura quatro homens numa sequência frenética. Arranca o ferro de dentro dos agonizantes, olha para o sangue, que brilha iluminado pelas chamas de um incêndio, berra algo que não compreendo, mesmo lendo os seus lábios brilhosos, e ataca novamente. Aos poucos, os negros da infantaria tombam. Os lanceiros lutam bravamente, mas não resistem. Alguns conseguem escapar nos seus cavalos arfantes e de olhos melancólicos. Outros caem prisioneiros. Num relâmpago, vejo o comandante fugindo só de cuecas. Acordo e durmo. As imagens se repetem freneticamente. O negrume da noite encobre o massacre, salvo onde braseiros brilham como vaga-lumes extraviados. Somente as barras do dia vão

revelar a devastação. Ouço o choro copioso de alguém, um ganido de criança grande morrendo. A imagem fica mais clara. Chego o mais perto possível. Salto sobre um corpo cujos olhos esbugalhados ainda tentam expressar algo. Conheço o homem que chora. Contemplo, perplexo, o fino rosto do infeliz. Sou eu.

*

No pesadelo, durmo em meio aos destroços de barracas e de corpos. Alguém chora no acampamento dos índios. Sonho que um homem a cavalo me persegue ao longo de um túnel negro de árvores molhadas. Não consigo perceber a cor do animal. Corro com medo do escuro. Finalmente o perseguidor me entrincheira num curral de pedras à beira de um riacho cristalino. Preparo-me para morrer. Mas tudo se inverte. Agora eu é que tento acertar, com uma enxada, um homem de cintura larga vestindo um gibão de couro e coberto com um chapéu de cangaceiro. Quanto mais eu me aproximo para desferir o golpe, mais ele gira, bate-se contra as pedras e volta. Gira cada vez mais rápido, gira sem controle, gira para cima de mim. A enxada parece bater numa proteção invisível. Bate e volta. O homem gira. Então, me olha.

É o demônio.

– Gosta de matar, não é mesmo? – ele me pergunta.

– Nunca matei – consigo responder.

– Mas vai, sim, vai matar com muito gosto.

– Não quero – digo e começo a chorar.

Acordo no acampamento de guerra com a batida melancólica de um tambor. O som vem de algum lugar indecifrável. Confunde-se com o assobio intermitente do vento e com o canto fúnebre de um jacu num mato próximo. Não vejo pessoa alguma. Só mortos. Um deles me encara com os olhos esbugalhados cheios de sangue.

É apenas um menino. Um negrinho de uns 15 anos. Passo por cima dele. Tenho uma pedrinha na mão esquerda e um ferimento. Penso que é bom estar vivo, apesar do corpo moído. Ouço um gemido esquisito, uma mescla de ganido e de lamento. Consigo me arrastar até o que sobrou de uma carreta. Um alemão tem uma lança enfiada na barriga. Ele segura com as duas mãos a parte visível do ferro. Pede que eu me aproxime. Tenho medo. Tento me esquivar. Não consigo.

– Tira isso, vai – ele ordena.

Arranco a lança com um puxão. O homem estrebucha.

– A vida te espera – diz.

É a sua última frase. Estremeço e balbucio:

– Inch’Allah!

Desperto no meu quarto com a cabeça estourando e uma sede devastadora. Bebo água até molhar meu peito. Estou tremendo. Não consigo me livrar da imagem do homem girando. Logo eu que não creio. Que Deus me proteja!

*

Escrevo para vários jornais e revistas como freelancer. Sou desses repórteres que passam seis meses convivendo com um grupo de pessoas para fazer apenas uma matéria. Minha última aventura foi uma semana numa cracolândia de São Paulo. Experimentei crack uma única vez. Não me sentiria verdadeiro se não o fizesse. Essa decisão provocou uma discussão bizarra com Simone:

– Para saber o que sente um assassino, você mataria?

– É o meu limite.

– Para saber o que sente um gay, você...

– Eu?

– Daria para alguém?

– E se eu já tiver feito isso?

Simone é uma mulher, na falta de outra palavra, interessante: morena, linda, moderna, tatuada – uma flor-de-lis amarela na parte interna da coxa direita e frases de poetas da geração beat pelo resto do corpo – e com um piercing no queixo. Nossa relação tem quase cinco anos. Ficamos juntos sempre que estou em São Paulo. Muitas vezes, ela se muda para o Rio de Janeiro comigo quando o trabalho me leva para lá. Numa dessas temporadas cariocas, quando passeávamos no calçadão de Ipanema, num final de tarde, Simone disse com uma voz abafada:

– Algo vai nos acontecer.

– Como sabe?

– Sinto.

– De que jeito?

– É uma energia que fibrila em torno de nós.

– Fibrila?

– Essa é a palavra.

Penso nessa estranha conversa enquanto retomo o dossiê sobre a mesa de trabalho. Tento conciliar várias surpresas: minha pele negra, os pesadelos recorrentes e o conteúdo do material que volto a examinar. As coisas parecem não parar mais de se acelerar. Tiago, o morador de rua da minha rua, talvez tenha resumido tudo:

– O senhor vai viver o seu calvário.

– De onde saiu essa ideia?

– Estou vendo a sua aura.

– Quanto quer por essa informação?

– Quanto acha que vale?

– Toma cinco reais.

– É pouco pelo que vai lhe acontecer.

Na ocasião, eu ri. Agora, quando levanto os olhos para a jane-

la e reencontro a luz glauca que me acompanha, começo a transformar retrospectivamente tudo em sinais. Só não sei o que eles anunciam? Aquilo que inicialmente eu via como clichês, ou conversa fiada meio mística, ganha novos sentidos. Estou só. Não sei se voltarei a ver Simone. Imagino-a mergulhada nas suas traduções. Sinto falta do seu corpo quente. A prudência, ou o orgulho, me diz para ficar longe dela para sempre. Com um gesto, posso decretar a sua morte. É isso que desejo? Com um gesto, posso determinar a morte dela e a de um homem que até agora sempre me pareceu do bem.

*

Saio para ir ao médico. Caminho lentamente sob a neblina ouvindo Leonard Cohen cantar “Hallelujah”. Tento sorver o ar frio na esperança de que, arejado, meu corpo se recomponha e meu espírito se reencontre. Sinto-me observado por todos. A secretária do Dr. Dalmer me olha enigmaticamente. Tem o rosto de uma mulher que estive na minha festa de 50 anos levada por algum amigo. Lembro-me de que examinei o rosto da convidada inesperada com um misto de surpresa e de encantamento. Um rosto oval e pálido como o de certas figuras do século XIX. Aquela festa foi certamente meu último grande momento de alegria. Como tudo corria bem para mim naquele momento! Dei uma grande festa. Terminamos em grande estilo funk para gozo de todos. Essa mulher, de cujo nome não me lembro, se é que cheguei a conhecê-lo, trazia um copo de uísque na mão esquerda quando me abordou sinuosamente:

- Lindo o seu aquário.
- Sou de peixes.
- É o que estou confirmando.

Era como se estivesse me convidando para transar com ela

ali mesmo. Estremeci de desejo e medo. Observei a espessura dos seus lábios carnudos, o cabelo preto muito curto, a frase tatuada no pescoço, que não consegui ler, salvo a palavra serpente, e cheguei a me inclinar para beijá-la. Ela se afastou suavemente sem olhar para trás. Como podia ser tão magra e tão lenta?

Tenho certeza de que a secretária do médico vai me fazer a pergunta inevitável que me deixará mais tenso.

– É a primeira vez aqui?

– A senhora sabe que não.

– Peço desculpas, mas não o reconheci.

Ela examina, apertando os olhos, o cartão de meu seguro-saúde enquanto eu me concentro no seu pescoço à procura de alguma palavra que a ligue à penetra daquela noite em que fui imensamente feliz pela última vez.

– Coloque o dedo – ordena, ou pede, a secretária.

– Como?

– O indicador.

Fico com o dedo trêmulo sobre o dispositivo por alguns longos instantes. Minhas mãos estão ensopadas de suor. Tento pensar em coisas positivas para me acalmar. Revejo um gol de bicicleta de um jogador cuja camiseta não consigo identificar. Penso no último orgasmo de Simone. Salto para uma manhã de sol à beira do Sena.

– De novo – diz a mulher friamente.

O sistema me reconhece finalmente. As minhas digitais ainda são as mesmas. Algo em mim não mudou.

O Doutor Dalmer me recebe com mais calor do que a secretária. Está acostumado aos dramas humanos e parece me tratar com a naturalidade de quem lida com os mais estranhos sintomas. Tem lá suas vaidades. cobre a calvície da parte frontal da cabeça deslocando fios de cabelo das laterais para o centro. Esse detalhe o torna, ao mesmo tempo, confiável e infantil. Tem cuidado de mim desde o começo. De quê? Por trás da aparente neutralidade

profissional, guarda uma pequena reserva de interesse real pelos pacientes. Sempre me pergunta pelas minhas reportagens. Conto-lhe tudo, como se fosse preciso, num jato, inclusive os meus piores sonhos.

Ele não se mostra surpreso. Ou esconde o jogo.

– Vamos por partes, como diria o Jack – brinca.

– Eu já me sinto despedaçado – dramatizo.

– Você precisa agora de uma boa terapia – sugere.

Fico atônito. A ideia de contar tudo que me ocorre a um psicanalista ou a um psiquiatra, contudo tão banal, me surge como uma heresia. Terei de falar tudo? – exclamo. Dalmer, ao longo do meu tratamento, jamais me falou em Deus, fé ou crença. Em alguns momentos, cheguei a odiá-lo por isso. Eu precisava de conforto. Por que ele não me oferecia a consolação mais simples, aquela que ocorre a qualquer um quando falta o que dizer a alguém subitamente à beira do abismo? Eu queria Deus.

– Que vou dizer a um terapeuta?

– O que me disse agora e ao longo das nossas consultas.

– Não basta?

– Você sabe que não é a mesma coisa.

– Vai ser duro para mim.

– Mais duro do que tudo o que enfrentou até agora?

– Parece mais um degrau numa provação sem fim.

– É a natureza agindo.

– Ou punindo, Doutor?

– Sente-se em dívida?

Não respondo. Dalmer não acredita em punições da natureza. Na sua cabeça de cientista, tudo acontece por acaso ou por combinações neutras e matemáticas. Curiosamente para os cientistas tudo tem uma causa. Falta, porém, uma intenção para essas causas. É como se causassem o que causam por acaso e nada mais.

Eu também pensava assim antes de me ver engolido pelo mal. A doença para os médicos, quando não resulta de um estilo de vida, é só o produto de uma roleta. Não o censuro. Era exatamente dessa forma que eu pensava. Se eu fosse médico, acho que receberia os pacientes dizendo assim:

– Saiu o sorteio?

Examino o consultório do Doutor Dalmer. É uma peça tão pequena e branca para tantos anos de estudo. Sobre um arquivo metálico, resquício, talvez, dos fichários de antes dos computadores, há uma escultura triste e sombria: uma mulher de olhos opacos, pernas curtas e seios volumosos. Não consigo lhe atribuir sentido.

– Você ainda está muito fraco – diz o médico.

– E isso agora?

– A doença, às vezes, liberta camadas profundas.

Deixo a sala com a sensação de ter falado com um extraterreste extraviado do paraíso para esconder o que virá em seguida. Terá o Doutor Dalmer me visto ali? Terá ouvido o que lhe contei? A secretária estremece quando me vê. Não parece me reconhecer. Cravo meus olhos no lado esquerdo do seu pescoço. Ela faz um gesto nervoso e engole em seco. Tem uma pele lisa e certamente suave. Nenhum rastro de tatuagem. Subitamente, sem refletir, estendo-lhe a mão. A moça não se atreve a recuar. Um facho de luz amarelo-pálido vindo do teto pousa sobre nossas mãos entrelaçadas: a mão dela, extremamente branca, presa sob a minha mão negra. Uma mão longa.

*